



ALÓS, Anselmo Peres. **Leituras a contrapelo da narrativa brasileira: redes intertextuais de gênero, raça e sexualidade**. Santa Maria: PPGL-Editores; Brasília: CNPq, 2017. 216 páginas.

LEITURAS AO REVÉS DA LITERATURA BRASILEIRA: UM ESTUDO ENTRE GÊNERO, RAÇA E SEXUALIDADE

Ana Cláudia Dias Moreira¹
Universidade Federal de Santa Maria
(anaclaudiadiasmoreira@gmail.com)

Anselmo Peres Alós foi Professor-Visitante na Universidade Federal da Integração Latino-Americana, e Professor-Leitor junto ao Instituto Superior de Comunicação e Tecnologia de Moçambique e ao Instituto Superior de Comunicação e Imagem de Moçambique, em Maputo. Atualmente Anselmo é Professor Associado I na UFSM. Autor de *Leituras a contrapelo da narrativa brasileira: redes intertextuais de gênero, raça e sexualidade*, em que essas três temáticas (gênero, raça e sexualidade) estão relacionadas em praticamente todos os capítulos. Ao longo dos diferentes capítulos, é possível perceber o quanto a cultura patriarcal de intolerância, do preconceito e da discriminação esteve (e ainda está) enraizada na sociedade, reverberando nas obras literárias e em seu estudo.

No decurso de 11 capítulos, Alós aponta assuntos como o silenciamento da mulher, que ao longo de suas trajetórias com a escrita foram silenciadas, tendo suas obras canônicas com valor de reconhecimento menor do que realmente deveria possuir. Interligando gênero e raça, dando atenção a este silenciamento feminino os primeiros capítulos analisam obras como *D. Narcisa de Villar* (de Ana Luísa de Azevedo Castro) e *Gupeva* (de Maria Firmina dos Reis). No capítulo seguinte, o autor discute o romance *A Rainha do Ignoto* (de Emília Freitas), que questiona o lugar da mulher na sociedade patriarcal oitocentista. Seguindo na mesma linha de intersecção entre gênero e raça, Alós expõe uma obra e escritora muito conhecida no movimento modernista, o romance de Pagu. Patrícia Rehder Galvão, mais conhecida como Pagu, é autora do romance *Parque industrial*, que traz discussões sobre desigualdade de gênero, consciência de classe, as lutas e os problemas sociais do Brasil no início do século XX.

¹ Graduanda do curso de Bacharelado em Letras (Português e Literaturas de Língua Portuguesa), na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista do Programa Institucional de Voluntários em Iniciação Científica do projeto *CORPO/NAÇÃO/NARRAÇÃO: masculinidades subalternizadas no romance brasileiro (1980-2019)*, sob a orientação do Prof. Dr. Anselmo Peres Alós. E-mail: anaclaudiadiasmoreira@hotmail.com.



Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la consciencia, de Rigoberta Menchú, e *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina de Jesus são os dois romances discutidos ao longo do quarto capítulo, onde o autor trata da literatura de testemunho. Menchú mostrará a desigualdade social dos povos indígenas na Guatemala, já Carolina de Jesus retrata a vida de sofrimento que comunidades e pessoas pobres em São Paulo, além de mostrar a vida dura em que estas pessoas vivem, mostra mais uma vez a assimetria de classes sociais mais vulneráveis. Alós aprofunda mais a análise da obra de Carolina de Jesus, quando debate a composição da identidade e da autoria afro-brasileiras no país.

O sexto e o sétimo capítulos abordam a questão da homossexualidade; o sétimo capítulo, especificamente, trata de um famoso romance naturalista brasileiro, publicado pela primeira vez no século XIX: *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, onde expõe a homossexualidade no meio militar e um erotismo que a época não estava habituada. O oitavo capítulo discute obras literárias de Fernando Pessoa e Caio Fernando Abreu, abordando a questão da alteridade e da intertextualidade na peça teatral *O marinheiro* (de Fernando Pessoa) e no conto de mesmo título, de autoria de Caio Fernando Abreu. No nono capítulo, Alós ainda trata da alteridade, relacionando o livro de contos *Ovelhas negras*, também de Caio Fernando Abreu, e o *I Ching*, uma das mais importantes obras do pensamento oriental. No penúltimo capítulo, o autor discute o filme *Madame Satã*, dirigido por Karim Aïnouz, que conta a história de João Francisco dos Santos, uma figura que representava a vida noturna carioca, João é uma figura representativa que se transforma em Madame Satã, fantasia que seria usada para um desfile de carnaval e acabou ganhando o concurso e a fama.

No último capítulo do livro, intitulado *Heterotopias do desassossego: Literatura e subversão sexual na América Latina*, o autor delinea um panorama sobre a narrativa latino-americana contemporânea que trata de questões relativas à homossexualidade, com a finalidade de mostrar como os autores latino-americanos estão articulando essa discussão, de modo vinculado com questões de classe e de pertencimento nacional.

Uma das palavras de ordem das discussões mais contemporâneas na universidade brasileira é *feminismo interseccional*, de modo a pensar de maneira articulada as questões relativas aos feminismos, à sexualidade, às classes sociais, aos debates étnicos e raciais e às questões de identidade nacional. *Leituras a contrapelo da narrativa brasileira: redes intertextuais de gênero, raça e sexualidade* realiza isso ao propor a leitura e a (re)descoberta de uma série de narrativas literárias pouco estudadas nas disciplinas universitárias dos cursos de Letras, abrindo caminho para que se reescreva a história da Literatura e da cultura brasileiras de modo a não mais dar privilégio apenas à dimensão branca e hegemônica no que diz respeito à produção de capital cultural e bens simbólicos no Brasil.

Referências

ABREU, Caio Fernando. **Ovelhas Negras**. Porto Alegre: Sulina, 1995.



ABREU, Caio Fernando. **Triângulo das águas**. 2. ed., revista pelo autor. São Paulo: Siciliano, 1993.

ALÓS, Anselmo Peres. **Leituras a contrapelo da narrativa brasileira redes intertextuais de gênero, raça e sexualidade**. Santa Maria: UFSM/PPGL-Ediores; Brasília: CNPq, 2017.

BURGOS, Elisabeth; MENCHÚ, Rigoberta. **Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia**. La Habana: Casa das Américas, 1983.

CAMINHA, Adolfo. **Bom-Crioulo**. [Sem local]: Domingos de Magalhães, 1895.

CASTRO, Ana Luísa de Azevedo. **D. Narcisa de Villar**. Rio de Janeiro: Tipografia de Francisco de Paula Brito, 1859.

GALVÃO, Patrícia. **Parque Industrial**. 3. Ed. São Paulo: EDUFSCar, 1994.

I CHING: O livro das mutações. São Paulo: Pensamento, 2006.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.

MADAME SATÃ. Diretor: Karim Aïnouz. Brasil/França, 2002.

Recebido em: 09/12/2020

Aprovado em: 23/02/2021